



cinema

semanario cinematográfico

Ano 1.º
N.º 41

Preço
1\$00

A Companhia Cinematográfica de Portugal

está apresentando esta semana, com grande êxito:

Em estreia, no cinema "RIVOLI",

A Favorita do Imperador

Um super-filme da "AAFA", com a linda actriz

LIL DAGOVER

e os excelentes actores OTTO GEBUHR e HANS STUEWE



Em "reprise" no cinema "BATALHA",

Pat e Patachon, Musicos Ambulantes

o primeiro filme falado dos dois célebres cómicos

e

ANNY NA ESCOLA

criação da inimitavel fantasista ANNY ONDRA



Mata-Hari (Greta Garbo) e o general Shubin (Lionel Barrymore) parecem não estar de acôrdo.

Cena do filme "Mata-Hari", que confirmou em Lisboa o enorme êxito alcançado no estrangeiro, e que na próxima semana se estreará no Porto.

"Mata-Hari", com Greta Garbo, Ramon Novarro, Lionel Barrymore e Lewis Stone, é um filme do "Ano Metro", falado em francês.

O Cantinho dum Cinéfilo

Os jornais de actualidades estão, ultimamente, descambando para a uniformidade das suas imagens, que se repetem de número para número, se não iguais sob o aspecto documental, parecidíssimas no aspecto visual e, muitas vezes, iguaizinhos na ideia... se é que alguma ideia preside à confecção desses jornais e não se trata de obras de acaso certas particularidades que se lhes notam...

Já todos estamos fartíssimos de ver as condecorações e as beijocas que o general Gouraud distribuiu pródigoamente, no pátio dos Inválidos, as mais das vezes a mutilados da Guerra. E como ninguém se convence de que essas beijocas e essas condecorações possam dar às pobres vítimas a compensação do muito que sofreram e do muito que perderam, já era tempo dos jornais de actualidade terminarem com tais episódios. Como interesse documental — uma vez, chega.

Também já todos conhecem nos mais íntimos pormenores o Arco do Triunfo. Já lhe demos a volta completa, já o vimos filmado em *plongé*, já voamos por cima dele — em cinema, é claro — já sabemos de cor e salteados os aspectos mais diversos do túmulo do Herói Desconhecido. Para quê, a apresentação tam freqüente das diversas peregrinações que hoje, amanhã, depois, vão ao Arco do Triunfo depôr flores na campa do Soldado, se a gente já está fartinha de ver tais cerimónias? Como documentário cinegráfico, é já uma maçada, e não desperta interesse algum — interesse — curiosidade, é claro, porque interesse-proveito, deve dá-lo, de-certo, ao produtor de tais banalidades; se teem a pretensão de convencer o público, pela insistência com que apresentam tais imagens, da sagração eterna dos que morrem pela Pátria, matando os seus irmãos, homens como eles, tal finalidade é ridícula, e, portanto, censurável e desnecessária a repetição de tal cliché nos documentários de actualidades filmicas.

Menos sentimentos bélicos, menos demonstrações patéticas de recompensas aos que lutaram pela Pátria! A recompensa que satisfará a Humanidade inteira será a propaganda

intensa da Paz entre os homens — e dessa é que o Cinema pôde ser porta-voz de proveitosos resultados, continuando a trilhar o caminho que já começou pisando com «Quatro de Infantaria», «A Oeste Nada de Novo», «A Tragédia da Mina»...

■ ■ ■

A notícia, que acabo de ler num jornal americano, de que foi adquirido para a América o filme alemão «Kuhle Wampe», fez inveja aos meus particulares desejos de cinéfilo de verdade, fez-me pensar com tristeza na probabilidade em que estamos de não vermos tal filme, de cuja aquisição para Portugal ainda não há quaisquer notícias.

E «Kuhle Wampe», a julgar pelo que tenho lido a seu respeito, é uma produção com magnifico cinema, não falando já no assunto que julgo servir-lhe de base — o *chômage* — de grande oportunidade no momento infeliz que se atravessa.

Era preciso que «Kuhle Wampe» não venha a ter a mesma sorte de «L'Opéra de Quat'Sous» ou de «O Caminho da Vida», de que não tenho ainda notícias de próxima exibição em Portugal. Provável se julga — com grandes visos de verdade, hemos de confessá-lo — que tais filmes não resultarão comercialmente, e, portanto, razão devem ter os alugadores e os exibidores em não se mostrarem entusiasmados ou sequer interessados por tais filmes.

Mas os cinéfilos que gostam de apreciar os bons trabalhos cinegráficos, que não teem por cá uma «Sala Adyar» ou um «Studio 28», não desejariam ficar eternamente a invejar os seus camaradas estrangeiros, e lembrei-me, por isso, de lançar o grito de apêlo, a ver se algum distribuidor filantropo, à maneira de Pai Natal, quer deitar nos sapatos dos nossos cinéfilos, agora no ano que vai começar, as bobinas de «Kuhle Wampe», de «L'Opéra de Quat'Sous» ou de «O Caminho da Vida». E, como é de usança, em nome dos candidatos a contemplados, desde já agradece.



Realização de George Fritz-Maurice

Produção «Metro Goldwyn-Mayer»

PRINCIPAIS INTERPRETES

Greta Garbo *Mata-Hari*
 Ramon Novarro *Rosanoff*
 Lionel Barrymore *General Shubin*
 Lewis Stone *Andriani*
 Karen Morley *Carlotta*

ARGUMENTO

A meio do ano de 1917, um intrépido aviador russo, o tenente Alexis Rosanoff, tinha conseguido, num vôo prodigioso sobre a Alemanha, levar a Paris documentos da mais alta importância para os aliados. O embaixador russo felicitara calorosamente o jovem oficial e confiara-lhe um documento secreto para entregar ao regressar na corte russa. Havia nesse momento na embaixada um adido militar, o general Shubin, individuo de fraco cará-

cter. Estava profundamente apaixonado por Mata-Hari, a célebre dançarina que nessa época atraía toda Paris e tinha acolhimento nas mais elevadas esferas sociais.

Seria uma espia ou simples artista? Ninguém o sabia. Não obstante, o director da contra-espionagem vigiava-a. O general Shubin seria seu cúmplice? Talvez.

Na noite da chegada do tenente Rosanoff, Shubin quis levar o jovem oficial a uma soirée que dava a célebre bailarina.

Rosanoff, fatigado pela arriscada viagem que fizera, opôs resistência para acompanhar o seu superior. Mas Shubin insistiu, dizendo-lhe que pretendia mostrar-lhe «a mais bela dançarina que conhecera», e Rosanoff acabou por aceitar.

Mata-Hari, nessa noite, mostrou-se ainda mais bela e mais sedutora do que nunca. Dançou com uma graça lasciva as mais caprichosas danças orien-

Mata-

tais diante da estátua de Siva, parecendo a estranha encarnação da misteriosa deusa.

Alexis Rosanoff sentiu-se imediatamente conquistado pela dançarina e fez-lhe uma declaração em regra, quando ela se preparava para abandonar a sala onde conhecera, nessa noite, um dos mais brilhantes sucessos da sua carreira.

— Autoriza-me a tornar a vê-la? — inquiriu Alexis Rosanoff.

— Talvez, — respondeu Mata-Hari com um sorriso langoroso.

— E partiu como uma raiua, deixando o jovem tenente enamorado.

O tempo decorria rapidamente. O tenente Alexis Rosanoff, encarregado de uma missão secreta, devia voltar para a Rússia. Mata-Hari, que o sabia de posse do importante documento secreto que lhe fora entregue pelo embaixador, apresentou-se no seu domicilio. Alexis Rosanoff não acreditava nos seus olhos. Louco de felicidade, precipitou-se aos pés da dançarina.

Ama-lo-ia ela a ponto de lhe conceder uma entrevista antes da sua partida. Não. Os seus sentimentos por ele não passavam de uma comédia. E, enquanto que Rosanoff, enebriado de amor nos braços de Mata-Hari, perdia toda a noção das coisas, alguns homens, pagos pela espia, penetravam nos seus aposentos e roubavam o documento que lhe fora confiado.

O tempo passava. Como um louco, Rosanoff escapou-se dos braços de Mata-Hari, pegou no precioso envelope, que fora substituído por um outro idêntico, e correu ao Bourget, onde o esperava o seu avião...

Entretanto, o general Shubin, que se julgava o único pretendente de Mata-Hari, sentiu-se possuído de violenta cólera quando teve conhecimento da entrevista havida entre a dançarina e o jovem aviador. Nesse momento preci-

- Hari

samente, Mata-Hari chegava a casa dele.

— Ah, a senhora vem de casa do seu amante?! Muito bem, vai ver como sei vingar-me!

— O senhor está louco, Shubin!

Mas já o general pegara no auscultador do telefone e pedia para falar com o director da contra-espionagem francesa.

Friamente, Mata-Hari assistia aos seus manejos, perguntando a si mesma onde queria ele chegar.

— Allô! Daqui, general Shubin. Allô! ouve-me?! Posso provas de que Mata-Hari é uma espia.

O general Shubin ia sem dúvida continuar. Acusaria a seguir, sem dúvida, o tenente Rosanoff. Mas Mata-Hari, como um leão, avançou para ele e, agarrando um revólver abateu-o a tiro.

O director da contra-espionagem ouviu a detonação. Correu imediatamente a casa do Shubin, fazendo-se acompanhar de alguns policias.

Mas Mata-Hari, utilizando-se de uma porta secreta, conseguiu fugir precisamente no momento em que os policias entravam na casa.

Emquanto estes acontecimentos se desenrolavam, o tenente Rosanoff voava a caminho da Rússia. Mas não chegou muito longe, recebendo um grave ferimento na ocasião, precisamente, em que transpunha as linhas.

Em resultado dos ferimentos recebidos, ficou cego. Mata-Hari, que, após a morte do general Shubin, conseguira, mais uma vez, escapar a todas as buscas, deixou o seu refúgio para ir ver Rosanoff. E foi à cabeceira do seu leito que lhe confessou o seu amor. Rosanoff não podia crer em tanta felicidade.

— Depois da sua partida, — disse-lhe



Mata-Hari —, deixei de viver. Mas, agora que o tenho ao pé de mim, que sei que vai curar, não o deixarei mais; casaremos e partiremos para longe, para muito longe, para sermos felizes.

Ao descer as escadas do hospital, Mata-Hari apercebeu-se de que era seguida. Lançou-se precipitadamente para dentro do carro que a trouxera: o chefe da contra-espionagem esperava-a.

— Está presa, em nome da lei, Mata-Hari!

Levada, semanas depois, à presença do tribunal marcial, Mata-Hari assistiu aos debates com uma atitude altiva e desdenhosa. Um conjunto de circunstâncias favoráveis ia talvez salvá-la. O seu advogado invocou a falta de provas formais.

— Dizem que Mata-Hari é uma espia, mas faltam em absoluto as provas. Dizem que Mata-Hari se encontrava em casa de Shubin no momento em que este foi assassinado, mas ninguém

pôde documentar devidamente tal afirmativa.

— Senhor! — interveio então o procurador geral, peço a comparação de uma outra testemunha, o tenente Rosanoff.

Então, Mata-Hari, que até àquele momento apenas dera mostras de desdem, levantou-se. Não podia suportar a idéia de que o tenente Rosanoff fosse informado da sua ligação com o general. Não queria que o único homem que verdadeiramente amara conservasse dela uma má recordação. Abandonou a defesa e declarou-se culpada.

Foi condenada a ser executada no dia seguinte ao romper da alva.

O seu único desejo foi dizer adeus a Rosanoff.

Disseram a este que Mata-Hari tinha de sofrer uma operação e conduziram-no à sua cela, que ele julgou ser um quarto de hospital.

Mata-Hari abraçou-o uma última vez e partiu para o seu destino, para a morte,

Correspondência

GOSTO DO CHEVALIER: — Para lhe fazer a vontade, aí tem neste número vários retratos do seu «Ele». Quería responder á sua pergunta sobre filmes mudos de William Haines em que apparecesse a Bessie Love, mas não os tenho na memória e preciso de consultar o meu arquivo. Quere esperar para o próximo ou para um dos próximos números? Quanto a Henry Garat, é casadíssimo, e já pela segunda vez. A esposa actual é a bailarina Betty Rower, das Rower Sisters. Acho que é melhor inclinar-se para o Chevalier, que está divorciado de fresco!...

ALBERTO BARRADAS: — José Mojica tem muitas simpatias, mas não

me parece que venha a conquistar posição igual à que tinha o malogrado Rodolfo Valentino. Há um actor que as cinéfilas de todo o mundo estão apreciando mais: Clark Gable. Isso de saber o actor que mais vezes se tem divorciado, é que é mais difícil. Mas posso afirmar-lhe que não é Charlie Chaplin, que só se divorciou duas vezes. Sabe a história daquela actriz que precisou de um contabilista para escriturar os seus inumeros casamentos e divorcios? O peor foi que, ao dar o balanço, no fim do ano, o tal contabilista verificou que a actriz tinha mais dois divórcios do que casamentos...

YOU WERE MEANT FOR ME, NORMA: — Tomei nota do seu postal, mas não acredito que tivesse visto 6 vezes «Uma Alma Livre». Vá dizer

isso a outro... Tenho muita pena, mas não posso impedir que o Clark Gable volte a trabalhar com ela. Pois se é o próprio marido da Norma, o Irving Thalberg quem o ordena! Ainda verá esta temporada a sua Norma numa comédia engraçadíssima com o Robert Montgomery, a Una Merkel e o Reginald Denny. Chama-se «Vidas Intimas» e a «sua» Norma tem um papel encantador! Quanto ao rascunho para a carta, não lho posso enviar. Tenho aqui tanto que fazer! Pode escrever mesmo em português. Não me consta que ela tenha mais algum miúdo.

UM HOMEM DE QUEM SE FALA: — Pois muito bom proveito, meu caro...

Mady Christians continua a trabalhar para o cinema alemão. Escreva-lhe

para Berlim-Charlottenburg 4, Bismarckstrasse 67.

JOVEM CINÉASTA: — Temos tentões de publicar a lista dos filmes em produção nas principais casas, mas só de vez em quando, pois, como compreende, é impossível fazê-lo em todos os numeros, porque, durante três ou quatro numeros os filmes seriam quasi os mesmos, com ligeiras variantes. Janet Gaynor está interpretando «State Fair», para a «Fox», Lupe Velez, «Hot Pepper», para a mesma casa, e Nancy Carroll, «Child of Manhattan», para a «Columbia». Quanto a Marion Davies, não está interpretando nenhum filme, actualmente. Mady Evans tambem não, mas vê-la á em «Puro Sangue» («Entre duas paixões»), com Clark Gable, e «O Filho da India», com Ramon Novarro.

LUIZA T. SANTOS: — Fredric

March continua na «Paramount», e pode escrever-lhe para «Paramount Studios», 5451 Marathon Street, Hollywood, Calif. É casado.

UM POETA FUTURISTA: — Antes que às vezes se lembre disso, não me mande os seus versos, não? Clark Gable tem 31 anos, é casado, e faz 32 no dia 1 de Fevereiro próximo. Myrna Loy fez 27 anos no dia 2 de Agosto passado. Laura La Plante (eu sei quem diria agora — ai!) fez 28 no dia 1 de Novembro último.

CORTA A PERA, Ó EU SEI TUDO! — Perdão, eu não uso péra! Quem a usa é o Bernardo! Você assim que vir a Clarinha em «Call Her Savage», até fica gago; mais ainda do que aquele da revista, que dizia: «Pe... pe... peça a D... D... Deus, que... que... que

Deus não o castigue...». «A Oeste Nada de Novo» era falado em inglês. Se gostou e quere mais, do par Crawford-Gable, será feita a sua vontade em «Idade Moderna» e «No Declive», que ainda esta época serão exibidas.

Obrigado pelas Boas-Festas. Mas o postal que enviou, com a vista das «Officinas Goodrich», palavrinha que é muito ordinário. Então não tinha 1\$50 para um postal «Ross»?...

MARIO LOBO BANDEIRA: — Sim senhor, há uma nova versão falada de «Os 3 Mosqueteiros», editada pela «Gaumont-Franco-Film-Aubert» e com Aimé Simon-Girard, Blanche Montel, Edith Mera, Andrée Lafayette, Esther Kiss, Henri Rollan, Thomy Bourdelle, Maurice Escande, Van Daele e Henry Baur. De-certo que já estará adquirido para Portugal. **EU SEI TUDO.**

**O êxito sem
precedentes
alcançado
em todo o
mundo,
pelo filme
da
METRO
Goldwyn
MAYER**

Mata Hari

**Confir-
mou-se
em
Lisboa**



falado em francês

**Greta
Garbo
Ramon
Novarro**

Terça-feira, 3 de Janeiro

no "Trindade"

Dentro e Fora dos Estudios

Depois de ter dado à recente fita interpretada por Al Jolson os títulos «Appy Go Lucky» «The New-Yorker» e «Hallelujah I'm a Bum», a «United Artists» resolveu que tal fita se chamasse definitivamente «The Optimist».

As principais casas americanas acabam de adoptar a semana de 40 horas de trabalho, a fim de atenuar a crise do desemprego. Como resultado, no mês de Dezembro encontraram trabalho nos estúdios da «Paramount» nada menos de 432 desempregados.

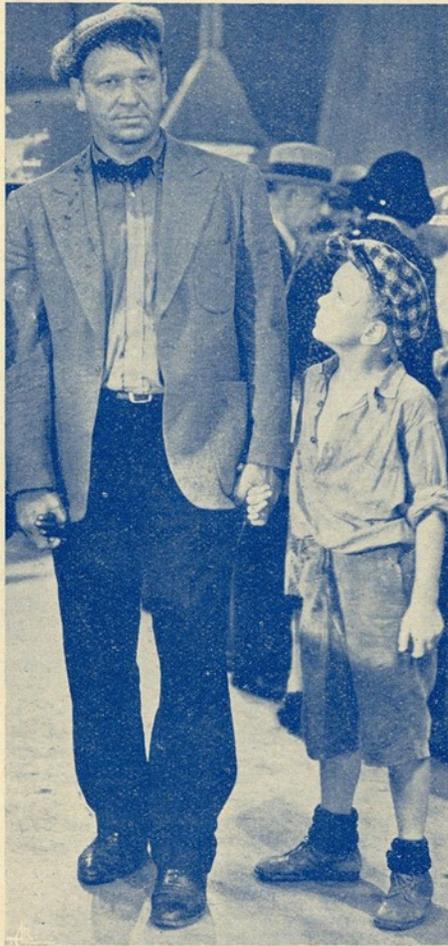
A «Fox» inaugura a casa dos escritores

A casa «Fox» teve a gentileza de nos enviar um cartão de convite (que não pudemos aceitar, por não nos podermos deslocar neste momento a Hollywood...) para assistirmos à inauguração da «Casa dos Escritores», construída nos seus estúdios da Movietone City, em Hollywood.

A inauguração teve lugar na sexta-feira, 16 de Dezembro, tendo actuado como «mestre de cerimónias» o actor Will Rogers, coadjuvado por Janet Gaynor. Rupert Hughes falou em nome dos escritores.

Em meados de Janeiro vem à Europa Clayton P. Sheehan, chefe da secção estrangeira da «Fox».

Chester Morris, o grande actor americano que vimos em «A Divorciada», e que veremos esta época em «O Homem Miraculoso», com Sylvia



«O Meu Campeão» («The Champ») vai ser um dos grandes êxitos deste ano. É uma fita para todas as senhoras, para todos os maridos, para todas as crianças, para todos os que tiverem um bocadinho de coração. O pequeno Jackie Cooper tem neste filme uma insuperável criação. A interpretação de Wallace Beery valeu-lhe o prémio de 1932 da Academia Americana. O argumento de Frances Marion foi também premiado como o melhor do ano, pela mesma Academia. E, finalmente, «O Meu Campeão» é um filme do «Ano Metro» falado em francês, realizado por King Vidor. Vocês conhecem King Vidor, não é verdade?

Sidney, casou recentemente com a actriz de teatro Suzane Kilborn, que vai fazer a sua estreia no cinema na fita «She Had to Say Yes», para a «First National».

Lubitsch em Paris

Vindo de Viena e Budapeste, chegou a Paris Ernst Lubitsch, o famoso realizador de «A Parada do Amôr», «Uma Hora Contigo» e da grande produção «O homem que eu matei», que veremos brevemente.

Ernst Lubitsch, que regressa brevemente à América, afirmou aos jornalistas franceses que conta fazer na próxima época um grande filme em Paris.

A pesar de correr a notícia de que Josef von Sternberg, que acabou o seu contrato com a «Paramount», virá brevemente à Europa, consta que ele vai dirigir «Peking Picnic», para Jesse L. Lasky, na «Fox».

A nova fita de Chevalier

Logo que Maurice Chevalier regressou à América, a «Paramount» começou preparando a nova fita de Chevalier, a qual se intitulará «The Way to Love» («O Caminho do Amôr») e será dirigida por Norman Taurog.

Norman Taurog foi o realizador do esplêndido filme «Skippy», com Jackie Cooper, e pela sua direcção neste filme obteve o prémio da Academia Americana, em 1931.

Lembre-se sempre...

de que CINEMA é a única revista que concede aos seus leitores 50 % de desconto nas mátiées do

TRINDADE e do BATALHA

ÀS QUINTAS E SÁBADOS

CONVEM-LHE TER ISTO SEMPRE PRESENTE NA MEMÓRIA

ESPECIAL PARA AS GENTIS LEITORAS

ESTRÊLAS E PENTEADOS

«Para que há-de a mulher resignar-se à monotonia de um «penteado permanente», quando pôde substituí-lo com a mesma facilidade com que muda de vestido?» — pergunta Edith Hubner, chefe dos ateliers de cabeleireiro da «M-G-M».

«Quási tódas as «estrelas» dos estúdios chamam «Edie» a Miss Hubner, porque tódas elas têm confiado os seus cabelos às hábeis mãos da genial criadora de penteados.

«A única coisa necessária para se evitar a monotonia é usar o cabelo um pouco comprido. O bom gosto, a pericia e uns utensílios minúsculos fazem o resto. Tódas as artistas dos estúdios descobriram este segredo, e tódas se entregam com prazer ao agradável trabalho de modificar os seus penteados, afirma ainda Miss Hubner.

O cabelo um pouco comprido, graças às possibilidades que oferece, está absolutamente em voga. Sob os chapéuzinhos coquetamente românticos da época actual, uma cabeleira bem penteada é de um efeito simplesmente delicioso. Referimo-nos àqueles chapéus que começam a meio da cabeça e terminam junto da orelha, permitindo que o cabelo suavemente ondeado da sua proprietária sirva de toucado ao resto da cabeça; chapéus que, com os vestidos compridos de linhas flexíveis, dão o toque final e de inquietante atractivo à toilette.

«Além disso, o cabelo comprido

adapta-se com facilidade a todos os caprichos do penteado. Pode frisar-se de modo a parecer curto sempre que se deseje; pôde envolver-se em um suave nó na nuca quando se vistam trajos de noite; pôde ondear-se e arquear-se formando uma moldura interessante para o rosto. Mas uma vez cortado curto, não há maneira de voltar atrás. Só o tempo pôde remediar o inconveniente.

«Nada há, portanto, tam recomendável como cortar os cabelos à altura do ombro. São assim permitidos e de fácil satisfação todos os caprichos».

Edie tem motivos para o saber. Tem frisado, cortado o cabelo e aconselhado tódas as «estrelas» de Hollywood durante esta última década.

Jean Harlow, que tornou famoso o loiro platina em tóda a América e mesmo na Europa, adopta um estilo próprio. Os seus cabelos, de um comprimento mediano, não frisados, mas formando largas ondas, constituem uma deliciosa aureola de luz em volta da sua graciosa cabeça, encobrem totalmente as orelhas e caem, numa curva graciosa, sobre um lado da fronte. O segredo deste estilo está, simplesmente, em dar ao cabelo uma onda muito larga, passando-lhe em seguida o pente até que a mesma onda desapareça em absoluto e se forme uma espessa madeixa, suave e esponjosa. Se a leitora tem o cabelo loiro platina e a expres-



El Brendel, o célebre cómico de «1980», «Um Sonho Cór de Rosa», «Mulheres de Todas as Nações», etc., está mostrando a Janet Gaynor — a nossa inolvidável Janet — uma peça de roupa que ela tem que vestir, mas que, positivamente, não foi feita por medida.. Cena de «Deliciosa», uma produção da «Fox», com música de George Gershwin (vocês já ouviram a canção «Delishouse»?), realização de David Butler (o homem que fez «Sonho Cór de Rosa» e «1980») e interpretação de Janet Gaynor, Charles Farrell, El Brendel, Raoul Roulien e Virginia Cherrill.

são picaresca de Jean, ensaie este processo.

Norma Shearer usa também um estilo peculiar. Deixa a descoberto uma orelha, cobrindo a outra completamente. O efeito é bom, como geralmente sucede com tódas as idéas de Norma em matéria de modas. Os seus cabelos castanhos, — que nunca mudaram de cor — são divididos por uma risca, à esquerda, e ligeiramente ondulados, ajustando-se, na linha geral, ao formato da cabeça. As pontas, que chegam precisamente aos ombros, enrolam para dentro, depois de frisadas, deixando, como dissemos, uma orelha a descoberto e seguindo, do outro lado, o contorno da face.

Joan Crawford, a fascinante «estrela» da «M-G-M», a inolvidável intérprete de «Fascinação», só uma vez sucumbiu ao entusiasmo pelos cabelos curtos. Foi há tempos, quando filmava «Virtudes Modernas». Hoje, usa os cabelos mais compridos e mais ligeiramente ondeados do que anteriormente. Esses cabelos, que durante algum tempo adquiriram um loiro muito pouco recomendável — necessidades do metier —, aparecem agora na sua luxuriante cor original, ou seja em castanho avermelhado. Friza-os por completo em torno da cabeça, continuando as ondas em todo o comprimento, e depois passa o pente até suavizar essas ondas, que lhe enquadram o rosto e o pes-

coço em linha ininterrupta até aos ombros.

Dorothy Jordan, a delicada artista, notável pela sua afeição às modas, tem também uma forma particular de arranjar os cabelos. Depois de os ondear seguindo o formato da cabeça, estende as encrespadas pontas, abrindo as em forma de leque sobre o pescoço e para cima. Caracois soltos espalham-se em volta das suas faces, e aqui e ali espreitam as finas e rosadas orelhas. Este estilo dá a Dorothy um encanto romântico de outras épocas, que faz pensar em jardins iluminados pelo luar e no perfume da madressilva. Não ensaieis este processo se não tiverdes o rostozinho delicado e patéticamente juvenil de Dorothy.

Maureen O'Sullivan fez uma variação no estilo de Dorothy. Maureen possui o atraente contraste dos olhos azues franjados de longas pestanas, com a cabeleira preta. Interrompe precisamente a meio da cabeça a risca que separa os seus cabelos frisados, que depois lança para trás, numa profusão de caracois negros que vão cair sobre o alvo pescoço.

Com uma carinha arredondada e risonha como a de Mureen, este estilo resulta encantador.

Karen Morley tem o encanto do indefinido. Os seus cabelos parecem não ter principio nem fim. Usa-os cortados um pouco sobre o comprido, e as pontas são ondeadas e encrespadas de maneira a chegarem à linha de união do colo e dos ombros. Karen penteia-se deitando simplesmente para

trás as loiras madeixas e deixando-as cair à vontade. Mas não julgueis que este processo é fácil de imitar. Nada disso. O atractivo indolente e descuidado é mais complicado do que parece e o seu efeito mais difícil de obter do que um arranjo estudado da cabeleira.

Depois de passar alguns meses em busca de um penteado que fizesse realçar os seus encantos, experimentando este e aquele, escutando conselhos, Anita Page descobriu o que procurava. Os seus cabelos são longos, e usa-os em ondas que cingem a cabeça até ao começo do pescoço; dali caem, não em caracois, mas numa suave onda dourada até meio do pescoço, deixando aparecer a curva superior das orelhas. É indescritível o encanto que este novo penteado imprime à loira Anita.

A Majestosa e aristocrática Ethel Barrymore também deixou crescer os cabelos até aos ombros, penteando-os completamente para trás, desde a fronte. As extremidades são frisadas e enroladas sobre a nuca, dando um efeito distinto à linha do pescoço.

Ai tendes penteados à escolha para todos os tipos. Embora os não altereis com frequência, podeis ensaiar o que resulte mais favorável.

CARMEN DE PINILLOS.

A casa americana «Christie», que há 16 anos trabalhava em comédias, acaba de se considerar em estado de falência.



Há que tempos que a gente não vê a Liane Haid! Uma das mais encantadoras actrizes da Alemanha! Liane Haid é a protagonista, com Willy Forst — um dos primeiros galãs germânicos — do filme-opereta «O Príncipe da Arcádia», com música de Robert Stolz, que veremos brevemente.



Liane Haid e Willy Forst numa cena de «O Príncipe da Arcádia», um filme-opereta encantador, que vamos ver dentro de poucas semanas.

Tallulah Bankhead

e as suas originalidades

Tallulah Bankhead teve uma nova oportunidade para surpreender Hollywood e não a aproveitou bem.

Quando fazia filmes falantes nos estúdios da «Paramount» em New York, mostrou por diversas vezes desejos de que a mandassem para Hollywood. Foi tal a insistência que pôs nos seus pedidos, que, por fim, um dos directores não pode conter a sua curiosidade e perguntou-lhe qual o motivo que a levava a desejar ir para Hollywood.

«Pretendo conhecer Greta Garbo e Robert Montgomery», — respondeu, e todos os presentes se puseram a rir. «Outro capricho de Tallulah», pensaram, e não deram mais importância ao caso. Mas não sucedeu o mesmo quanto aos jornalistas. No dia seguinte todos os jornais e revistas publicaram o sucedido e o público ficou na expectativa para ver o que sucederia no dia em que Tallulah se encontrasse na presença de Greta ou de Robert.

Não tardou que as duas coisas se verificassem. Os estúdios da «Paramount» em New York encerraram as suas portas e todo o pessoal que nelas trabalhava foi para Hollywood, incluindo, claro está, Tallulah.

Os rapazes dos jornais aguçaram os lápis, certos de que «ia suceder qualquer coisa», e Tallulah desconcertou uma vez mais toda a gente, recusando os convites da alta sociedade e das «estrelas» mais famosas. Chamaram-lhe orgulhosa, louca e não sabemos o que mais, mas nem por isso tiraram dela o menor partido.

Poucas semanas depois de ter chegado a Hollywood, Tallulah encontrou-se face a face com Greta Garbo. O encontro teve lugar em casa do director Fitzmaurice, um dos pouquíssimos amigos que tanto uma como a outra têm em Hollywood.

Diana Fitzmaurice, a esposa do director, dava um chá em honra de Constance Bennett e convidou Greta e Tallulah. Quando a segunda foi apresentada à primeira, Greta limitou-se a dizer «muito gosto em conhecê-la», após o que se pôs a falar com Constance sem voltar a olhar para Tallulah.

Esta, por sua vez, não esboçou o menor gesto, mas retirou-se poucos minutos depois. E no dia seguinte, quando os jornalistas lhe perguntaram que tal lhe tinha parecido Greta, limitou-se a dizer. «Tam cheia de personalidade como no «écran». Não obstante, recebi uma decepção com as suas pestanas». E quando lhe perguntaram que defeito encontrara nas pestanas de Greta, respondeu com firmeza que «eram falsas». O interessante, porém, é que desde



Tallulah Bankhead, cujos caprichos e extravagancias surpreendem Hollywood.

esse dia o departamento de publicidade da «Metro Goldwyn Mayer» confessa que Greta junta umas tantas pestanas postizas às suas.

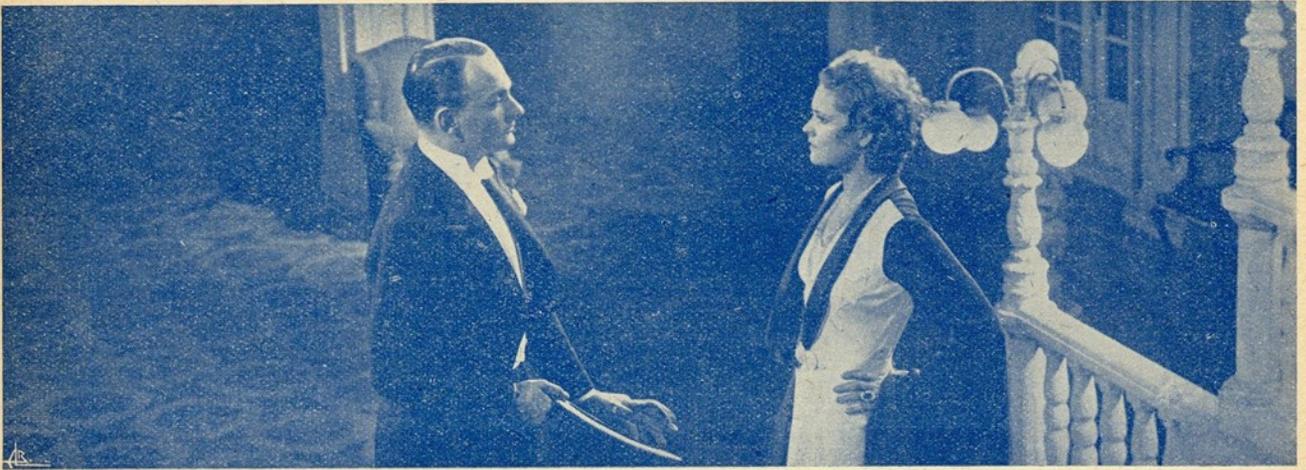
Meses depois a «Paramount» cedeu Tallulah à «Metro» para fazer um filme com Robert Montgomery, e a «Metro», em troca, emprestou Clark Gable para interpretar um outro filme ao lado de Miriam Hopkins.

Novamente os lápis se aprestaram. Tallulah ia conhecer Montgomery. Mais

ainda, ia trabalhar com ele. Feitas as apresentações, Tallulah fez, uma vez mais, qualquer coisa que «Hollywood» não esperava. Depois de uma saudação cordial, tirou o lenço que Montgomery trazia em volta do pescoço (raras vezes usa gravata) e em voz alta exclamou: «Tinha uma curiosidade extraordinária em verificar se o seu pescoço era defeituoso, porque tôdas as fotos suas que me têm chegado à mão o apresentam com um lenço de grandes dimensões em volta do pescoço, e no «écran» nunca tive ocasião de o ver com a camisa aberta. E depois de certificar-se de que Robert «não tinha nenhum defeito», estampou-lhe um sonoro beijo nos lábios, com grande assombro das pessoas que se encontravam presentes e enorme aborecimento por parte de Betty Montgomery, que também estava presente e que não achou graça nenhuma à nova originalidade de Tallulah Bankhead.

Um bom conselho

Não deixe de ir no domingo ao Batalha, à primeira «matinée», aproveitando o desconto que lhe é facultado mediante a apresentação da senha deste numero



Liane Haid e Willy Forst são os protagonistas do luxuoso filme-opereta «O Príncipe da Arcádia», que o conhecido compositor Robert Stolz musicou deliciosamente.

Troca de gentilezas

A Fraternidade entre os estúdios e as estrelas

Não há muito tempo que a «Paramount» deu uma festa para celebrar o facto de Clark Gable, o famoso astro da «Metro», lhe haver sido emprestado para fazer um filme falante ao lado de Miriam Hopkins. O estúdio foi totalmente engalanado e na enorme sala onde tinha lugar o banquete, realizou-se um festival digno de figurar nos anais da História, Richard Barthelmess deu outra festa em honra de Dorothy Jordan, que também lhe fôra emprestada pela «Metro» para actuar em «A Cabin in the Cotton», no estúdio da «First National».

A «Fox», para não lhes ficar atrás, também ofereceu uma festa em honra de Elissa Landi, sendo convidadas todas as pessoas amigas da estrela, entre as quais figurava um número respeitável de artistas dos outros estúdios.

Cabe agora a vez à «Metro» de dar a nota cordial. A ideia da festa deve-se a Norma Shearer. Norma, contente pelos resultados dos seus últimos filmes «Strange Interlude» e «Smiling Through», pensou que deveria festejar Alexander Kirkland e Fredric March. O primeiro fez o papel de marido de Norma em «Strange Interlude», para

o que teve de deixar uma película importante na «Fox», o estúdio onde trabalha. Fredric March é o galã de «Smiling Through», e Norma não tem inconveniente em confessar que nunca trabalhou com tanto entusiasmo como em estes dois últimos filmes.

A data fixada para a festa correspondia a um dia de trabalho, mas todos os convidados convieram em «escapar-se» do «set» durante uma hora, para poderem comparecer. E assim foi, de facto.

Fredric March encontrava-se atarefadíssimo no estúdio. Estava fazendo o difícil papel de Marcus, o prefeito de Roma, em «O Sinal da Cruz», sob a direcção do severíssimo Cecil B. de Mille, mas, não obstante, conseguiu escapar-se, assistindo à festa com o seu traje de prefeito, o que lhe valeu um grande êxito entre os colegas. A organizadora da festa, Norma Shearer, apresentou-se em traje de passeio, pois devia tomar o comboio, algumas horas mais tarde, para ir a Nova-York passar as férias em companhia de seu marido e do filho. Kirkland fez uma aparição relâmpago, porque tinha de seguir para o México, onde devia

filmar os interiores de uma película que convinha terminar quanto antes. Leslie Howard, outro galã de Norma em «Smiling Through», assistiu maquilhado da mesma forma como apparecera no filme, de velho. E Ralph Forbes, o terceiro galã da película, compareceu em traje de caça, visto dever reunir-se a Reginald Denny, na cabana que este possui na montanha, para passar uns dias caçando.

Julgo desnecessário dizer que a festa foi em extremo pitoresca e que todos os convidados se divertiram largamente.

Para que os leitores possam fazer uma ideia da ausência de etiqueta que presidiu a esta reunião, direi apenas que o enorme queque de honra foi cortado por Norma Shearer com a espada que completava a indumentária de Fredric March no papel de prefeito de Roma.

Não houve etiqueta, mas houve alegria, muita alegria, uma alegria sã, livre e juvenil, demonstrando de um modo inludível que em Hollywood reina a cordialidade entre as «estrelas».

Roosevelt, ou o ocaso do "Gangster"

Vai fazer-se uma grande alteração na vida interna dos Estados Unidos. Vai perder-se um dos seus tipos característicos quando termine o mandato de Hoover: o «gangster» Roosevelt traz grandes projectos. Um de êles, se não o mais importante, pelo menos o que mais comentários tem despertado, é a revogação quasi total da famosa lei Volstead.

Os «húmidos» estão em boa hora. E os «secos» talvez se sintam também felizes dentro em pouco, quando lhes for permitido aspirar sem receios o delicioso «bouquet» de um cálice de bom licôr, ou contemplar o panorama da vida através do dourado cilindro de um «bock» de cerveja.

Os países exportadores de bebidas espirituosas esfregam já as mãos de contentamento. Graças a este plano reformador do novo presidente, julgam quasi resolvida uma boa parte de um dos mais graves problemas.

Os americanos poderão beber sem temores vinhos de pouca graduação e cerveja. Mas... mas se até agora, com uma estreita e zelosa vigilância, se não pôde impedir o vício, ¿quem será capaz de limitar de futuro o consumo do alcohol?

Desaparecerá a gigantesca garrafa de cartão que no «cabaret» ou no «bar», sob a sua máscara puramente decorativa, ocultava um frasco de licor autêntico com a etiqueta avariada e a rolha deteriorada, sinais inequívocos

das vicissitudes passadas até chegar àquele lugar, viajando umas vezes no seio de um barril cheio de óleo, ou embalado em um fardo de matérias colorantes. Desaparecerá a engenhosa bengala de cana, preparada para conter uma boa porção de «whisky». Desaparecerá o pádeiro que, arrostando heroicamente as conseqüências do seu delito, colocava garrafinhas de licôr entre a massa dos seus pães.

Mas desaparecerá, também, um dos assuntos mais lucrativos e mais interessantes para os produtores de películas: o tema dos «gangsters».

A película dos contrabandistas de alcohol tinha para o público um valor real: o de sêr, geralmente, a reprodução fiel de um dos aspectos mais pitorescos da vida dos Estados Unidos. Possuía o atractivo do típico, e, ao mesmo tempo, comunicava-nos a emoção dos acontecimentos reconsituídos. As lutas entre os bandos rivais, os armazens clandestinos de licôres, nos quais se preparava o crime tremendamente prosaico, o fuzilamento e um homem, abafado pelas explosões de um motor, em pleno coração da cidade, assassinato repugnante, desprovido em absoluto de romanticismo, esse romanticismo com que actuaria um bandido da Calabria, consciente e enamorado da sua profissão. Extinto já o interesse pelas películas de Oeste, o «gangster» era hoje a representação genuína de um tipismo fabricado para a exportação.

Talvez tenhamos sido um pouco injustos ao criticarmos essas películas. Alguma coisa aprendemos com elas. Graças aos animadores de êste género de dramas, sabemos como está bem armada a policia dos Estados Unidos, mas também nos foi possível comprovar que a organização dos contrabandistas é sempre superior à dela. Podemos admirar os poderosos elementos que na cidade, no rio e na baía entravam em jôgo, de uma e de outra parte, sempre que se tratava de descobrir um esconderijo. Tivemos conhecimento da fragilidade de altos funcionários, subordinados, ao serviço dos bandidos, do influxo de êstes na politica da preponderância de que dis-

frutavam entre a massa popular pela sua qualidade de heróis, dos seus manejos hábeis que por vezes ultrapassavam as fronteiras nacionais... Foi uma época de vício e de prazeres, de avareza e de degenerência, de concupiscências e de crimes à margem de uma lei que, nas mãos de timoratos, quando não de prevaricadores, raras vezes deixava cair sôbre os culpados toda a força do seu pêso, que passou pelos nossos olhos nos «écrans» do mundo.

Os mais recônditos detalhes da vida dos «bas-fonds» foram-nos revelados por êste género de películas. Todos os livros, todos os filmes imorais encerram — nunca duvidamos disto — um proveitoso ensinamento; contêm sempre um fundo de moralidade que não deve passar despercebido a um cérebro bem organizado. Mas ¿quem nos garante que todos os que os leem ou que os veem sabem tirar dêles êsse partido? Teem sido muitos os casos em que uma juventude inexperiente e não preparada só descobriu nêstes dramas o que significava um apuramento do engenho ao serviço da imoralidade, por caminhos tortuosos e equívocos que conduzem infalivelmente ao interior das prisões.

Considerada a questão por êste ponto de vista, devemos felicitar-nos por êste género de películas ir desaparecer do «écran». O cinema tem recursos para tudo. Não desanimem os produtores. A margem das medidas que Roosevelt pensa adoptar irão surgindo assuntos que farão cada vez mais abominável êsse personagem que, reconhecemo-lo, havia chegado a adquirir uma altura vergonhosa e alarmante. Agora que se vive tam vertiginosamente, é de esperar que, passados muito poucos anos, o «gangster» se tenha convertido em um tipo quasi legendário. Os seus feitos passarão à história, serão contados em romances, ir-se-ão perdendo na noite do olvido e só ficarão enchendo uma época da qual mais valerá que nos não recordemos.

¿Voltamos às películas do Oeste? Porque não? Eram tam atraentes... Pelo menos permitiam-nos admirar uma geração forte, destra, nobre e valorosa, desenvolvendo-se em um ambiente puro e limpo, de ar livre, no qual se respirava a plenos pulmões a saúde e o optimismo. Isto sempre será preferível a encerrarmos-nos em uma cova cheia de barricas e de fardos, sem mais luz do que o relâmpago de um tiro dado à traição, e sem outro ar além daquele que o fumo da polvora viciou.

ALFREDO MIRALLES.



«Puro Sangue» (que talvez passe a chamar-se definitivamente «Entre Duas Paixões») vai revelar-nos a encantadora Madge Evans, uma das mais lindas atrizes do elenco da «M-G-M», que tem nesta fita um belo trabalho, ao lado do já célebre Clark Gable.

**J A N E T G A Y N O R**

a nossa gatinha-borracheira, que vamos voltar a vêr daqui a poucos dias.
"Deliciosa", assim se chama a fita de que Janet é a primeira atriz, ao lado de Charles Farrell,
o famoso cómico El Brendel, o jovem cantor brasileiro Raoul Roulien
e Virginia Cherrill, a "cega" de "Luzes da Cidade".

A música lindíssima de "Deliciosa" é de George Gershwin, autor de "O Rei do Jazz",
a quem devemos a célebre "Rapsódia Azul".

Pelos nossos Cinemas

RIVAIS DA PISTA (RIVAUX DE LA PISTE): Serge de Poligny, que até agora era para mim desconhecido, aparece-nos firmando esta produção Alfred Zeisler, mas tal assinatura, hemos de confessar, não o acredita muito pelo trabalho apresentado. Tenho a impressão de que a «Ufa» está procurando constituir um núcleo de novos realizadores, com que possa contar para futuro — no que faz muito bem — não hesitando, para isso, em lhes entregar obras de certa envergadura — no que faz muito mal — confiando demasiadamente na fama de que goza, na reputação do seu nome, para encobrir a inferioridade das obras que são os trabalhos práticos dos tais novos realizadores.

Nem Kurt Gerron em «Estupeficientes», nem, agora, Serge de Poligny em «Rivals da Pista» demonstraram possuir o talento directivo suficiente para obras de character internacional, filmes *signés* «Ufa», com pretensões a conquistar os mercados estrangeiros nas suas variadas versões, muito embora protegidos pela capa que lhes emprestam os nomes dos produtores — simples empréstimo, de-certo, as mais das vezes...

«Rivals da Pista», cujo entrecho se apresenta circunscrito ao desporto do ciclismo, com breve intervenção romântica na ligeireza do episódio amoroso, tem todo o aspecto dum folhetim de «L'Auto» e deve fazer as delicias dos que praticam o ciclismo, dos que a ele se dedicam afincadamente — e em França, na Alemanha, na Bélgica, na Holanda, na Itália, etc., esta fita tem o seu exito garantido. Entre nós, onde tal desporto está longe de constituir a loucura, o entusiasmo que desperta nesses países e onde, principalmente, não existe o profissionalismo, que constitui, nas suas ambições, manigâncias e *combines*, factor de capital importância em «Rivals da Pista», não pode esta fita acender a fogueira do interesse.

Albert Préjean, no principal papel, nem melhor nem peor do que nos seus filmes anteriores. Suzet Mais, uma Gina Stern com certa elegancia, mas de dição extremamente afectada. Jeanette Ferney, muito mais natural, mas sem grande coisa que fazer. Notável a

figura de Madame Streblov, criada pela veterana Madeleine Guitty.

Mesmo pondo de parte o entrecho perante a generalidade do público, a realização propriamente dita não dá a «Rivals da Pista» as características dum bom filme. Repetem-se muitos quadros, aparecem bicicletas a mais, e, sobretudo, perde-se imenso tempo em escusadas conversas, tudo com os defeitos de realizadores principiantes, defeitos que, muito embora Serge de Poligny esteja a começar — do que não estou bem certo — Alfred Zeisler como produtor não deveria consentir. Apenas na corrida final, que está belamente filmada, a fita ganha emoção, o público interessa-se pelos seus diversos pormenores, na ânsia do desfecho, e «Rivals da Pista» termina como que fazendo esquecer ao espectador pouco exigente o que antes lhe desinteressára.

O que não é muito, afinal.

Realizador: Serge de Poligny. Intérpretes: Willy Streblov. Albert Préjean: Sua Mãe, Madeleine Guitty; Gina Stern, Suzet Mais; Spengler, Jim Gerald Hanni Spengler, Jeanette Ferney; Seu irmão, Jean Mercanton; Stern, Georges Colin; Lissman, Fernand Fabre: Paradis. Dréan: Banz, Jacques Dumesnil.

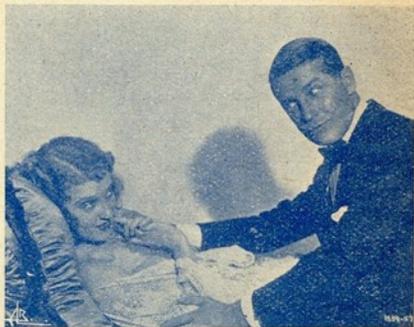
Produzida em 1932 pela UFA (Produção Alfred Zeisler). Programa Agência Cinematográfica H. da Costa, Ltda. Estreada no «S. João» em 26 Dezembro 1932.

UMA HORA CONTIGO (ONE OUR WITH YOU): — A realização desta fita provocou grande celeuma na América. George Cukor queria para si só as honras do filme. Mas Lubitsch interveio e exigiu que não se esquecesse em tôdas as referências à fita, a indicação — uma produção de Ernst Lubitsch, já que ele tinha prestado a sua supervisão pessoal, já que lhe tinha emprestado a sua prática muito grande, os seus conhecimentos e até a sua habilitação.

Deve ter tido razão, Lubitsch. Assim é que eu compreendo a supervisão, a direcção da produção. E quem tenha acompanhado os trabalhos de Lubitsch deve ter notado facilmente a sua influência, demonstrada na subtilidade de certos quadros, na leve malícia de cer-

tas seqüências. Logo no diálogo de Chevalier e MacDonald, na cama, e depois, quando MacDonald explica a Lili Damita a possibilidade que seu marido tem de, sem esforço... imitar a Josefina Baker, na seqüência do arranjo do laço da gravata, e em vários outros momentos, a assinatura de Herr Lubitsch aparece declaradamente, acentuadamente, e não há dúvida de que o valor comercial do filme beneficia dessa influência.

George Cukor e Ernst Lubitsch não saíram dos moldes das anteriores fitas



dêste último — «A Parada do Amor», «Monte-Carlo» e «O Tenente Sedutor». Não fizeram, portanto, uma obra de valor cinemático. Mas, em compensação, sabendo que um filme de Chevalier não pode deixar de ser uma fita extremamente comercial, fizeram o mais que é possível dentro dessa finalidade, apuraram ao máximo as possibilidades da obra e do seu principal intérprete, e deram-nos uma fita 100 % Chevalier e 100 % *box office attraction*.

Maurice Chevalier tem ao seu lado todo o público. Aquelas conversas que ele tem com os espectadores são tudo quanto há de mais anti-cinegráfico. Mas admitem-se nele, apenas em Chevalier. Em outro qualquer, num Noel-Noel ou num Saint-Granier, até mesmo num Albert Préjean, tal processo seria inaceitável. Mas Maurice é Maurice.

E a gente, que vê o agrado com que o público recebe os filmes de Chevalier; que observa o êxito que tais fitas obtem junto das bilheteiras; que também ri em «Uma Hora Contigo» do espirituoso diálogo de Léopold Marchand; que aprecia a mobilidade da

Na capa: — Greta Garbo principal intérprete do filme «Mata Hari»

Redactores: João Santos e Sousa Martins

Redacção e Administração: Rua do Bomjardim, 436-3.º PORTO

CINEMA

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero foi visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS
Continente e Ilhas: Trimestre, 12\$00, Sem. 24\$00, Ano, 46\$00 — Ultramar: Trimestre, 14\$50, Sem. 29\$00, Ano 56\$00.

Administrador e Editor: Eugénio Peres

Comp. e imp. nas oficinas da Empresa AQUILA Rua Duque Saldanha, 312 PORTO

máscara de Chevalier e a sua dição de grande profundidade intencional — e quem disse que Maurice não era grande artista? — que se deixa seduzir pela beleza fisica de MacDonald, esquece-se das leis fundamentais do cinema, finge que não repara nos atendados que lhes são feitos por este género de fitas, e acaba, afinal, por saborear os momentos de distração que provocam.

«Uma Hora Contigo» não nos traz ensinamentos de qualquer espécie, não é obra que sirva para modelo de produções filmicas capazes de entusiasmarem os estudiosos do cinema. Mas para o público que quer apenas passar a noite agradavelmente e para as salas que querem ganhar dinheiro com a sua exploração, «Uma Hora Contigo» recomenda-se em absoluto.

Autor: Lothar Schmidt. Cenarista: Samson Raphaelson. Adaptador francês: Léopold Marchand. Autor musical: Oscar Strauss. Letra das canções, de: André Homez. Intérpretes: Dr. André Bertier, Maurice Chevalier; Colette Bertier, Jeanette MacDonald; Mitzi Olivier, Lili Damita; Professor Olivier, Ernest Ferny; M.me Martel, Josephine Dunn; Adolphe, Pierre Etchepare; Um detective, André Chéron.

Produzida em 1932 pela PARAMOUNT. Programa Paramount Films S. A. Estreada no «Trindade» em 27 Dezembro 1932.

ALBERTO ARMANDO PEREIRA

BATALHA

(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

CINEMA SONORO

EM PLENO SUCESSO

Pat e Patachon, Musicos Ambulantes

A maior criação dos dois famosos cómicos

Anny na Escola

com a incomparável ANNY ONDRA

Terça-feira, 3 de Janeiro, grandiosa estreia

O CAMINHO DE SANTA FÉ

Extraordinário filme de aventuras com Richard Allen e Rosita Moreno.

PREÇOS POPULARES

Matinéés às Quintas, Sabados e Domingos

Incontestavelmente o melhor receptor é o M E N D E

Sonora — Radio
Rua 31 de Janeiro, 190 — PORTO

N.º 41

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha sómente é válida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

Senha de Bonus aos compradores do «CINEMA»

Os portadores desta senha terão o desconto de 50 % nos seguintes espectáculos:

TRINDADE — Matinéés de Quinta-feira e Sabado, 5 e 7 de Janeiro.

OLYMPIA — Matinéés de Quinta-feira e Sabado, 5 e 7 de Janeiro.

BATALHA — Matinéés de Quinta, Sab. e Domingo (1.ª), 5, 7 e 8 Jan.

CINE-ODEON — Soirée de Sábado, 7 de Dezembro.

AVENIDA-TEATRO, de Vizeu — Soirée de Quinta-feira, 5, e Matinéé de Dom., 8 de Jan. — 20% de desc. em todos os lugares, excepto geral.

IMPORTANTE. — As entradas com bonus no «Salão da Trindade» teem os seguintes limites: Plateia, 250; 2.º Balcão, 100; Camarotes, 20. Esgotadas estas lotações, o portador desta senha nada tem a reclamar.

Castelo Lopes, L.^{da}

*a firma detentora dos melhores
filmes europeus e americanos,*

vai apresentar brevemente no
Porto dois grandes filmes:

U M V A L E N T E

(“SON HOMME”)

Um filme de agrado absoluto, com
HELEN TWELWETREES, PHILLIPS
HOLMES e RICARDO CORTEZ

◆

U M A R A P A R I G A E U M M I L H Ã O

(“UNE JEUNE FILLE ET UN MILLION”)

Encantadora comédia falada
e cantada em francês com
MADELAINE OZERAY e CLAUDE DAUPHIN

Magnífica realização de MAX NEUFELD